



AVALIAÇÃO DA TOMADA DE CONSCIÊNCIA DE UMA ATIVIDADE DESEMPENHADA EM AMBIENTE EDUCACIONAL

Chrystiane Maria Veras Porto

Universidade de Fortaleza – UNIFOR

chrysporto@unifor.br

Cristiani Nobre de Arruda

Universidade de Fortaleza – UNIFOR

cristianiarruda@oi.com.br

Fátima Luna Pinheiro Landim

Universidade de Fortaleza – UNIFOR

lunalandim@yahoo.com.br

Introdução

Através das atividades são criadas novas possibilidades e finalidades na intervenção de Terapia Ocupacional na medida em que estas proporcionam conhecimento e experiência de acordo com os interesses, necessidades e potencialidades das pessoas envolvidas na relação terapêutica, bem como oferecem instrumentos para usufruto dessas na ampliação de suas capacidades de comunicação, de interação social, permitindo, portanto, crescimento pessoal, ganho em autonomia e inclusão cultural. (PRADO; BARTALOTTI, 2001).

A Terapia Ocupacional fundamenta-se no conceito de que os seres humanos têm uma natureza ocupacional. Assim, o processo terapêutico ocupacional baseia-se principalmente na relação estabelecida entre terapeuta – indivíduo – atividade. Esta atividade para ser terapêutica tem de ser um ato intencional e possuir uma finalidade a partir da identificação das reais necessidades do indivíduo por meio de uma visão holística e fenomenológica levando em consideração as peculiaridades de cada pessoa. (FRANCISCO, 2001).



No decorrer da formação a aprendizagem, como atividade interativa, articula-se com a produção de subjetividade, bem como de sentidos relacionados a essa subjetividade. São os sentidos e significados atribuídos à atividade pelo educando que irão compor a experiência do si, ao mesmo tempo em que será por esta experiência que a atividade será ressignificada. (XAVIER; NUNES; SANTOS, 2008).

Faz-se necessário, portanto, cuidar não só da aprendizagem do aluno, mas, também, da formação crítica e criativa do cidadão. A esse respeito Freire (1999; 2006) escreve contra a prática anti-humanista do educador pragmático neoliberal, que articula a educação insensivelmente tecnicista e coloca o educando em posição de acomodação, afirmando que o educador formador permite uma prática educacional viva, alegre, afetiva, extrovertida, com todo rigor científico e domínio técnico necessários, mas sempre em busca da transformação.

Assim, enquanto a instituição universitária, na qualidade de espaço em que se dão os desafios profissionais, tem como missão produzir e disseminar o conhecimento, – mobilizando as dimensões cognitiva, social, física e emocional da formação – o professor ou educador, de acordo com Demo (2004), atua como reconstrutor do conhecimento, um pesquisador, não só sob o ponto de vista da ciência e da tecnologia, mas também da humanização na educação.

O estudo aqui apresentado teve origem na vivência do paradigma da avaliação como uma relação dialógica de construção do conhecimento e da produção de cidadãos críticos. Teve por objetivo: conhecer como o(a) acadêmico(a) de Terapia Ocupacional avalia a experiência da tomada de consciência acerca de uma atividade por ele desempenhada em ambiente educacional.



A avaliação de uma estratégia metodológica no contexto educacional, viabilizada pela tomada de consciência da atividade, pretende valorizar o conhecimento e as habilidades adquiridos e exercitados pelos alunos no programa acadêmico no qual estão incluídos.

Metodologia

Trata-se de pesquisa de campo na qual o pesquisador examina as práticas, comportamentos e atitudes das pessoas ou grupos enquanto estão agindo em sua vida real (LEOPARDI, 2001). Assim sendo, coloca-se em contato direto com o fenômeno a ser estudado, coletando dados no local e construindo conhecimento a partir do cotidiano natural dos sujeitos.

Para fundamentar e instrumentalizar o processo de desvelamento da singularidade e do sentido presente na tomada de consciência de uma atividade realizada pelos acadêmicos na universidade, a tradição qualitativa se apresenta como um profícuo caminho metodológico.

Abordar a dimensão qualitativa do fenômeno implica adentrar no universo simbólico das motivações, atitudes e percepções dos sujeitos (MINAYO, 2004), analisando os significados dados aos fatos, suas interpretações e sentido atribuído à prática que desempenham.

Os dados aqui submetidos à análise foram coletados no decorrer do ano de 2008, durante as aulas da disciplina Atividades e Recursos Terapêuticos I, realizadas no laboratório de "Atividades e Recursos Terapêuticos" e que ocorrem durante o quarto semestre do Curso de Terapia Ocupacional da Universidade de Fortaleza-Ceará. Compunha a programação disponibilizar para os alunos um roteiro de laboratório contendo orientações acerca das



técnicas a serem ali aplicadas, assim como da identificação das habilidades necessárias para a sua execução.

A essa primeira fase seguiu-se a aplicação de um instrumento composto de questões abertas direcionadas à tomada de consciência da atividade realizada, nas quais o(a) aluno(a) é incitado(a) a refletir sobre a atividade realizada e completar as sentenças com o primeiro pensamento que viesse na mente. Trata-se de prática orientada por Lamport, Coffey e Hersch (1993), que tem aplicação em âmbito educacional e clínico.

Objeto de avaliação pelo aluno, o discurso sobre a percepção da experiência de tomada de consciência acerca da atividade desenvolvida foi ensejado pelo seguinte estímulo: *relate a sua percepção sobre a experiência da tomada de consciência da atividade.*

Vinte e três alunos dos que formavam turma em 2008.2 participaram do estudo, e sete do período 2008.1. Entretanto, compuseram instrumento válido para compor *corpus* de análise os 7 com origem no grupo de alunos que concluíram a disciplina no primeiro período e apenas 14 dos que estão cursando no período atual.

Os depoimentos foram submetidos ao referencial da análise de conteúdo (BARDIN, 2004), que preconiza a análise temática como técnica de contagem de um ou vários temas ou itens de significação, numa unidade de codificação previamente determinada: a categoria.

Em respeito ao critério de homogeneidade dos informantes, organizou-se distintos *corpus*. O primeiro, aqui denominado Grupo 1 (G1), correspondeu aos depoimentos daqueles que já concluíram a disciplina e o segundo, identificado como Grupo 2 (G2), referiu-se ao conjunto de registros dos alunos que estão atualmente matriculados na disciplina. Para ambos procedeu-se, inicialmente,



com a leitura flutuante, para em seguida identificar as unidades de sentidos, codificando-as de modo a permitir determinar sistemas classificatórios (as pré-categorias) que possibilitassem compartimentalizar blocos de dados por suas convergências.

Na etapa última, fundiram-se as pré-categorias ressaltando traços de similaridades, dando origem as categorias de análise: 1) *significância da tomada de consciência*; 2) *oportunidade de reflexão sobre ações/attitudes*; 3) *oportunidade de reflexão sobre sentimentos – a subjetividade em questão*.

Ao conjunto de dados dispostos por categoria, seguiram-se as interpretações, sempre acompanhadas de material analítico consistente.

Resultados

Significância da tomada de consciência

Nessa primeira classe temática os acadêmicos ressaltaram ser a atividade significativa:

Era um momento muito proveitoso da aula, onde avaliávamos a atividade, dizíamos quais os recursos utilizados e qual o sentimento ao realizar a atividade. (Informante do G1)

Essa experiência foi muito significativa para minha vida pessoal e profissional, pois através dela podemos... conhecer um pouco mais o outro. (Informante do G2)

Ratificam as narrativas dos alunos o discurso da aprendizagem como fenômeno decorrente de uma rede de sentidos e significados atribuídos às coisas e às situações de vida. Evidencia-se, ainda, o lampejo de com-



preensão de que no âmbito da relação terapêutica as situações vividas apresentam um desafio: a tomada de consciência acerca da atividade humana.

De acordo com Prado e Bartalotti (2001) essas atividades humanas são constituídas por conjunto de ações que apresentam qualidades, demandam capacidades, materialidade e estabelecem mecanismos internos para sua realização. Partindo-se do pressuposto de que o principal recurso ou instrumento em Terapia Ocupacional consiste na atividade humana, defende-se a importância de o alunado valorizar a constante avaliação desta como o elemento centralizador e orientador na construção complexa e contextualizada do processo terapêutico.

Desta forma, na realidade da Terapia Ocupacional, estratégias pedagógicas que favoreçam a perceber e atribuir significado às atividades desenvolvidas na relação terapêutica também implicam poder conduzir essas atividades de modo a acomodá-las e ressignificá-las.

Fica constatado que ao tempo em que se dá a ressignificação da atividade, a ressignificação do si e do outro da relação encontra-se em franco processamento. Uma fala expressa bem esse fenômeno:

Tomamos consciência de nós mesmos, o primeiro passo para promovermos qualquer mudança. Acredito que essa reflexão é tão terapêutica quanto a realização da técnica. (Informante do G2)

Oportunidade de reflexão sobre ações/atitudes

No cotidiano do homem, várias atividades são realizadas em um ciclo denominado vida. As atividades humanas podem ser grandiosas como construir uma ponte ou simples como vestir as próprias roupas, preparar uma refeição, tomar banho, escovar os dentes, dentre outras.



Mas todas elas possuem ponto em comum que as tornam fundamentais: elas são significativas porque passíveis de reflexão.

Consoante essa afirmação, destaque-se o seguinte discurso dos informantes:

Fazemos muitas atividades diariamente e não refletimos em seu contexto, perdendo assim, grandes oportunidades de amadurecer com o vizinho, o patrão, o trocador de ônibus... Enfim, perdemos muitas lições diariamente. (Informante do G2)

Sobre o tema Xavier et al (2008) escreve que o sujeito em sua processualidade reflexiva intervém, também, como elemento constituinte dos espaços sociais e pode, com suas ações/attitudes, afetar outros. Corroborando com essa afirmação um aluno argumenta:

É interessante, pois assim paramos para pensar no que fizemos...se não houvesse esse momento não iríamos perceber tudo isso. (Informante do G2)

Ainda, na tomada de consciência da atividade o aluno vai se tornando responsável, crítico e capaz de avaliar e refletir sobre como se desenvolve a tarefa e como ela afeta as pessoas. É o que esclarece esse depoimento:

A tomada de consciência constitui-se num meio de introspecção das vivências das atividades, tanto na perspectiva do paciente, quanto na do aluno que está no processo de aquisição do conhecimento, tornando-se um instrumento de autoconhecimento que promove uma reflexão sobre a experiência vivida, dando ao aluno um 'feedback' de como o processo de desenvolvimento da atividade pode ser elaborado mentalmente pelo executor da mesma. (Informante do G1)



Neste sentido, Perrenoud (2002, p.47) revela que [...]“uma postura e uma prática reflexiva devem constituir as bases de uma análise metódica, regular, instrumentalizada, serena e causadora de efeitos”.

Esta estratégia de avaliação permite ao aluno uma retroalimentação das vivências realizadas em laboratório de atividades e recursos terapêuticos.

Oportunidade de reflexão sobre sentimentos – a subjetividade em questão

Em Xavier et al (2008) lê-se que na configuração da subjetividade humana, pode-se pensar que “a estruturação do sujeito se configura como atividade intersubjetiva por excelência” (p.435). Nesse estudo, o estímulo dado para permitir manifestação da subjetividade envolvida na atividade que estrutura o sujeito terapeuta ocupacional fez surgir os discursos:

De forma muito pessoal e subjetiva, o aluno colocava a sua experiência e sensação durante a atividade proposta. (Informante do G1)

Permite vivenciar coisas internas, que se encontram na subjetividade de cada um, e com isso ser proposta uma análise acerca da nossa consciência em relação à atividade... Trabalha a mente, a opinião, o sentimento... Fatores que estão mais internalizados. (Informante do G2)

Aqueles autores ainda defendem a necessidade “do encontro com um outro para que um si mesmo e a própria alteridade se constituam” (XAVIER; NUNES; SANTOS, 2008: p.435). Ora, a intervenção em saúde, como produção de vida, implica multiplicidade de encontros, sendo várias as atividades e ações demandadas e possíveis a partir desses encontros. Assumem, portanto, es-



sas ações, vastos sentidos, todos com implicações para a produção de um si do terapeuta ocupacional.

Se assim o for, fica claro que a avaliação pode ser utilizada pelo educador também como uma ferramenta pedagógica para favorecer ao educando conhecer e administrar os sentimentos que afloram da relação com o outro, mas que também o forja como pessoa e terapeuta.

Ao professor educador cabe refletir o aluno como sujeito com características individuais próprias de sua personalidade e de sua história de vida e, ainda, com conhecimentos prévios, mediando a dinâmica do processo de ensinagem e aprendizagem e sua interface com as estratégias de avaliação.

Ao analisar esta estratégia de avaliação, procura-se pensar o processo de formação continuada inserido na prática profissional que vai a busca de teorias para refletir sobre esta prática, melhor compreendê-la e aprimorá-la com o objetivo de favorecer o desenvolvimento do acadêmico, ao mesmo tempo em que o educador também se desenvolve e modifica suas estratégias de ensinagem e de avaliação.

Considerações Finais

A dimensão subjetiva da avaliação da aprendizagem realizada pelos acadêmicos remete-nos a um terreno pouco explorado. Envolve muitos aspectos a serem desvelados em virtude da complexidade, da riqueza e da profundidade dos sentidos dos fenômenos.

No final desse estudo inferem-se os dados como sugestivos da importância de estratégias que visem criar oportunidades nos espaços de ensino e aprendizagem, para permitir aos educandos a tomada de consciência das atividades realizadas.



Coincidindo com Valdés (2002) acerca das estratégias de avaliação a serem utilizadas no contexto educacional acredita-se na avaliação centrada em processos que facilitam a retro-alimentação ao aluno dos aspectos alcançados com êxito e dos que necessitam ser melhorados como fonte de autoconhecimento.

Assim sendo, ao perceber a avaliação como um aspecto integral da relação ensino e aprendizagem, o aluno é capaz de desconstruir as dicotomias produzidas por um olhar fragmentado e alienante.

Poder se aperceber numa relação onde mais que desempenhar um papel, envolve-se com subjetividades múltiplas, parece servir ao propósito de uma formação transformadora, com repercussões nas práticas que possivelmente estarão fundadas numa ressignificação do si e do outro de todas as relações.

É necessário que essas relações no espaço acadêmico oportunizem a construção de sentido, a partir da tomada de consciência das atividades e tarefas acadêmicas realizadas, promovendo a humanização do contexto educacional gerador de pensamento crítico, reflexivo e ético. Daí a importância da compreensão do processo de tomada de consciência da atividade ou tarefa realizada no contexto acadêmico.

Ao se facilitar uma aprendizagem significativa promove-se o desenvolvimento psíquico e se estabelece uma relação entre o conceito e o cotidiano do aluno. Estando consciente do próprio ato de pensamento, pode-se ter domínio sobre essa atividade psíquica.

No cotidiano do aprendente em seu ambiente educacional a avaliação se processa na comunicação, nas experiências, nas carências, nas situações vividas, oportunizando a descoberta de novas potencialidades.



As estratégias de avaliação da aprendizagem permitem a tomada de consciência do próprio processo de aprendizagem, no qual a autonomia do aluno é o principal enfoque e a mediação do educador é promotora da construção do saber.

É preciso, principalmente, criar espaços reais de aprendizagem e construção que valorizem a experiência vivencial dos atores sociais – aqui representados pelos acadêmicos – sujeitos e protagonistas de um projeto pedagógico.

Bibliografia

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2004.

DEMO, P. **Professor do futuro e reconstrução do conhecimento**. Petrópolis: Vozes, 2004.

FRANCISCO, B.R. **Terapia Ocupacional**. 3 ed. São Paulo: Papirus, 2001

FREIRE, P. **Educação e mudança**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

LAMPORT, N.K; COFFEY, M.S.; HERSCH, G.I. **Activity analysis handbook**. Thorofare, NJ: Slack Incorporated, 1993.

LEOPARDI, M.T. et al. **Metodologia da pesquisa na saúde**. Santa Maria: Pallotti, 2001.

MINAYO, M.C.S. (org.) **Pesquisa social: teoria, método e criatividade** Petrópolis: Vozes, 2004.

PERRENOUD, P. A prática reflexiva e o ofício do professor: profissionalização e razão pedagógica In: **Saber refletir**



sobre a própria prática: objetivo central da formação de professores. Trad. Cláudia Schilling. Porto Alegre: Ed. Artmed, 2002.

PRADO, M.R.; BARTALOTTI, C. **Terapia Ocupacional no Brasil:** fundamentos e perspectivas. São Paulo: Ed. Plexus, 2001. 181p.

VALDÉS, M.T.M. **Como ensinar estratégias de aprendizagem?** Anais do Seminário Avançado de Didática, do Mestrado em educação da Universidade da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 6-7 de novembro, 2002.

XAVIER, A.; NUNES, A.I.B.L.; SANTOS, M.S. Subjetividade e sofrimento psíquico na formação do sujeito na universidade. **Revista Mal-estar e Subjetividade** – Fortaleza – Vol. VI – Nº 2 – p. 427-451 – jun/2008.

